

Estratégias de resistência como potência discursiva na literatura de Lima Barreto

Lucas Victalino Nascimento

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade
Federal de
Catalão.
(PPGEL /UFCAT)

Antônio Fernandes Júnior

Doutor em Letras. Docente do Instituto de Estudos da Linguagem e do Programa de
Pós-Graduação
em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão.
(PPGEL/UFCAT)

RESUMO

Neste artigo, propomos uma reflexão sobre como os discursos (anti)racistas se manifestam na linguagem, especialmente na produção literária de Lima Barreto. Utilizando como base os Estudos Discursivos Foucaultianos (EDF) e em diálogo com os Estudos Literários, analisamos trechos das obras "Triste Fim de Policarpo Quaresma" (2015) e "Recordações do Escrivão Isaías Caminha" (2010) do autor, buscando identificar e denunciar práticas racistas do início do século XX e entender como elas resistem e persistem na atualidade.

Considerando o texto literário como espaço de materialização de discursos, o próximo tópico propõe uma análise dos recortes enunciativos das obras de Lima Barreto mencionadas, explorando as temáticas controversas abordadas pelo autor dentro do contexto histórico em que foram escritas. Além disso, as análises e dados obtidos serão utilizados para refletir sobre possíveis conexões com o presente e os discursos de (des)continuidade desse objeto literário.

Palavras-chave: Estratégias de resistência, Lima Barreto.

1 INTRODUÇÃO

1.1 LIMA BARRETO E A DENÚNCIA DAS PRÁTICAS RACISTAS DO SÉCULO XX: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Neste artigo, propomos uma reflexão sobre como os discursos (anti)racistas se manifestam na linguagem, especialmente na produção literária de Lima Barreto. Utilizando como base os Estudos Discursivos Foucaultianos (EDF) e em diálogo com os Estudos Literários, analisamos trechos das obras "Triste Fim de Policarpo Quaresma" (2015) e "Recordações do Escrivão Isaías Caminha" (2010) do autor, buscando identificar e denunciar práticas racistas do início do século XX e entender como elas resistem e persistem na atualidade.



Para iniciar essa análise, é crucial considerar a relação entre literatura e historiografia. Como afirmado por Perin (2019, p. 45), as obras literárias não são meras reproduções da realidade, mas sim construções verossímeis que refletem aspectos culturais e sociais de suas épocas. Seguindo a perspectiva dos Estudos Discursivos Foucaultianos, entendemos que os enunciados devem ser analisados considerando as condições de possibilidade que permitiram sua emergência. Como questiona Foucault (2008, p. 32), é importante investigar por que determinado discurso surgiu em vez de outro, e que singularidade é essa que se revela no discurso.

Dessa forma, neste estudo, concebemos o discurso como um conjunto de enunciados que se apoiam na mesma formação discursiva, conforme sugere Foucault (2008, p. 135). Além disso, ampliamos a noção de texto literário como uma arena de inscrição, circulação e produção de discursos, buscando compreender como as práticas e discursos racistas do passado ainda ecoam no presente.

Junto aos questionamentos de Michel Foucault, expostos acima, nós nos direcionamos a problematizar os enunciados e discursos na superfície do que é dito, nas relações entre os discursos com fatos históricos e nos lugares de sujeito assumidos pelos indivíduos no campo social, ou, em nosso estudo, os lugares discursivos assumidos pelas personagens de Lima Barreto nas narrativas escolhidas para esta discussão. Portanto, não buscamos o que está por traz do que é dito (ou oculto) ou o que o autor quis dizer, mas refletir sobre o que foi dito, pelo fato de ter sido dito ou escrito em dado tempo e lugar. A análise enunciativa, proposta por Foucault, leva em consideração o fato de que o enunciado tem um suporte, uma data, um sujeito e um lugar, pois não há enunciado, e por consequência, discurso neutro ou isolado da trama histórica. Os enunciados, e os discursos que se formam nos textos de Barreto, no exercício da função-autor, se alinham às formações históricas que caracterizam a passagem do século XIX e início do século XX, período em que o autor produziu seus textos e reflexões.

Ao referir-nos ao termo formações históricas, dialogamos com Deleuze (2017, p. 13, aula 01) e suas reflexões sobre os regimes de ver e falar de determinada formação histórica, quando delimita que “cada época se define pelo que ela vê e faz ver e por aquilo que ela diz” (...) e, de forma mais enfática, ao argumentar que “cada formação histórica **vê e faz ver tudo o que pode**, em função de suas **condições de visibilidade**, assim como diz tudo o que pode, em função de suas **condições de enunciado**” (DELEUZE 2017, p. 63. Aula 01. Grifo nosso).¹ Em quais regimes de ver e falar os escritos de Lima Barreto se inscrevem? Quais discursos se produzem nos escritos de Barreto frente aos regimes de poder da época? Esses questionamentos nos auxiliam a entender as estratégias de resistência produzidas na obra em estudo,

¹ Aulas de Gilles Deleuze sobre Foucault, construídas em diálogo com os apontamentos foucaultianos da fase arqueológica. Os estudos de Michel Foucault são divididos em três fases, a saber: arqueologia dos saberes (década de 1960), genealogia do poder (1970) e ética e estética da existência (1980). Essa divisão da obra em fases cumpre uma função classificatória e/ou didática, pois os conceitos são retomados em momentos distintos da obra do filósofo e ganham novas roupagens e deslocamentos.



pois, conforme Foucault (2014), o caminho metodológico para a análise das relações de poder deve partir dos movimentos de resistência, pois são eles que indicam sobre quais grupos, corpos e espaços, por exemplo, o poder recai e/ou atua na produção de subjetividades e na condução das condutas.

Schwarcz (2019) destaca como um dos mais graves abusos da escravidão nas Américas foi a proibição imposta aos cativos de ler e escrever. No período pós-abolição, a literatura itinerante de Lima Barreto pelos trens, ruas e subúrbios (Schwarcz, 2017b, p. 164) o levou a retratar o alto índice de analfabetismo no Brasil, com características dos movimentos pré-modernistas. Dessa forma, Barreto, em sua obra, ecoa as vozes silenciadas pela história, como mencionado por Foucault (1983, p. 3-23), ao discutir "uma escrita de si" em relação às questões de sujeito e identidade. O filósofo francês problematiza a produção dos discursos, sempre vinculada à história, destacando a inquietação diante da materialidade efêmera do discurso e das implicações que esse carrega. E assim:

“[...] inquietação diante do que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina; inquietação de suportar lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades” (FOUCAULT, 1996, p. 8).

Além das reflexões sobre o discurso, como evidenciado no excerto acima, Foucault desenvolve diversas discussões sobre o sujeito. Segundo Albuquerque Júnior (2011, p. 1), para o autor, o sujeito é entendido como a busca pela historicidade dos processos de sujeição e subjetivação que são responsáveis pela constituição das subjetividades e, conseqüentemente, dos sujeitos no mundo moderno. Em linha com essa perspectiva, Araújo (2007) ressalta que, em Foucault, o sujeito do discurso não é simplesmente a pessoa que realiza um ato de fala, mas sim aquele que pode utilizar um determinado ato enunciativo devido ao seu treinamento, posição institucional ou competência técnica. Nesse contexto, a concepção de sujeito é regulada pela "episteme" ou "regime de verdade" de sua época e cultura (Balocco, 2005, p. 254).

Para analisar as construções e posicionamentos dos personagens nas narrativas dos romances, é importante considerar o conceito de literatura roman à clef atribuído a Lima Barreto, conforme aponta Pacheco (2017, p. 27). Nesse tipo de literatura, a posição crítica e combativa do autor é evidente, especialmente em relação às questões políticas que envolvem a burocracia e corrupção das elites, assim como a visão antiquada das mulheres e dos marginalizados sem horizontes e perspectivas, como observado por Tufano (2015, p. 11). Schwarcz (2017) também aborda essa característica da obra de Barreto, ressaltando sua relevância para a compreensão das dinâmicas sociais e políticas da época:

Basta lembrar do Hino da República que dizia: "nós nem cremos que escravos outrora tenha havido em tão nobre país". "Outrora" era um ano e meio atrás, mas ninguém queria falar do tema. E Lima Barreto falava a todo momento, nas crônicas, nas colunas, nos romances, e me impressionava muito

essa voz solo do escritor, essa voz solitária. Do tipo: "Fui chamado para a embaixada do Chile. Não pediram documentos a ninguém, a mim pediram. Me chateei". Esse tipo de declaração era uma coisa muito forte naquele contexto e hoje. [...] Lima Barreto é um autor que tem mais teses sobre ele do que críticos da sua literatura.

Outra característica da literatura barretina é o tom autobiográfico e os diálogos com a História. Em seu primeiro romance, publicado em 1909, intitulado *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, Barreto problematiza os preconceitos sociais e raciais da *Belle Époque* carioca e Schwarcz (2017b, p. 118) aponta que essa obra representaria a fase de estudante do escritor. Além disso, Bastos (2020, p. 34) teoriza que essa “metaficção historiográfica” utiliza-se de “personagens e suas ocorrências com o objetivo de materializar os acontecimentos legítimos, ambientando o imaginário ao questionamento sobre “possíveis verdades históricas” e seus “modos de concepção”. Sobre essa obra literária, Pinto (2017, p. 1160), apresenta o seguinte argumento:

Narrado em primeira pessoa, o escrivão Isaías Caminha conta suas memórias: mulato e pobre, vindo do interior para estudar na capital da República. Desvirtuou-se de seus objetivos iniciais e sucumbiu à lógica de interesses menores que então predominava, a partir de sua contratação como contínuo num grande jornal da época: O Globo, nome fictício do então poderoso Correio da Manhã. A cena carioca, contendo corrupção, escândalos e revoltas populares, é lembrada pelo escrivão. (PINTO, 2017, p. 1160).

Em relação ao outro romance, no caso *Triste fim de Policarpo Quaresma*, Schwarcz (2017b, p. 146) relata como o personagem principal apresenta traços próximos do pai do escritor. Outrossim, Souza (2022, p. 2) aponta que Lima Barreto, “nascido de pais livres, tipógrafo e funcionário da Imprensa Nacional e mãe professora pública, compõem um restrito grupo de afrodescendentes”, que tiveram acesso à leitura. No entanto, “a sociedade brasileira do início do século, [...] racista e preconceituosa, em um país que aboliu a escravidão quando nosso autor já tinha 7 anos, não estava disposta a permitir que aquele neto de escravos tivesse acesso à elite intelectual [...]” (RESENDE, 2004, p. 10).

Inclusive para Foucault, na modernidade, a literatura é uma zona onde se permite alojar as experiências limites e é nela que se pôde “simular estas experiências do fora, da transgressão, da desordem” (MACHADO, 2005). Nesse ínterim, Schwarcz (2017) demonstra como Lima Barreto foi um intérprete do Brasil e que no seu contexto representou uma voz transgressora, uma voz que não se acomodou. Ademais, para pensarmos no contexto da contemporaneidade, em particular sobre o letramento literário², Souza (2016, p. 221) atesta a relevância social da obra barretiana “evidenciando a sua atualização e, por conseguinte, a sua contribuição para a valorização da história e cultura afrobrasileira (Lei 10.639/03)”.

² Letramento literário é “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (COSSON, 2009, p. 67).



Considerando o texto literário como espaço de materialização de discursos, o próximo tópico propõe uma análise dos recortes enunciativos das obras de Lima Barreto mencionadas, explorando as temáticas controversas abordadas pelo autor dentro do contexto histórico em que foram escritas. Além disso, as análises e dados obtidos serão utilizados para refletir sobre possíveis conexões com o presente e os discursos de (des)continuidade desse objeto literário.

2 ANÁLISE ENUNCIATIVA DAS OBRAS DE LIMA BARRETO: DIÁLOGOS COM O CONTEXTO HISTÓRICO E ATUALIDADES

Como metodologia, optamos por analisar trechos das obras "Triste Fim de Policarpo Quaresma" (TFPQ) e "Recordações do Escrivão Isaías Caminha" (REIC), de Lima Barreto, para compreender as posições de sujeito assumidas pelos personagens por meio dos enunciados presentes em diálogos, avaliações e descrições. Faremos uma contextualização dos trechos selecionados nas narrativas, mas é importante ressaltar que a leitura integral desses clássicos é recomendada para uma compreensão mais abrangente da temática abordada.

É preciso destacar que, nas obras analisadas, a construção da imagem feminina é elaborada a partir da perspectiva de personagens do sexo masculino. Lima Barreto constrói vozes para as personagens femininas dos romances mencionados, inserindo-as em um contexto social brasileiro que pressionava as mulheres a cumprir os papéis de mãe e esposa. O autor critica a festa de casamento como uma oportunidade de ostentação e aborda o assédio aos corpos femininos. É importante ressaltar que as mulheres retratadas são brancas e pertencentes à classe média, enquanto as personagens negras são representadas como trabalhadoras pobres.

Nos trechos selecionados a seguir, observamos dois enunciados nos quais o sujeito discursivo satiriza as posições das personagens que estão prestes a se casar com doutores, Olga e dona Ismênia, respectivamente, utilizando figuras de linguagem como metáfora e ironia:

“[...] ela desaparecia dentro do vestido, dos véus e daqueles atavios obsoletos com que se arreiam as moças que vão casar (TFPQ, p. 120, grifos nossos)”³.

“A vida, o mundo, a variedade intensa dos sentimentos, das ideias, o nosso próprio direito à felicidade foram parecendo ninharias para aquele cerebrozinho; e, de tal forma casar-se se lhe representou coisa importante, uma espécie de dever, que não se casar, ficar solteira, tia, parecia-lhe um crime, uma vergonha (TFPQ, p. 50, grifos nossos)”.

Nessas escolhas lexicais em negrito acima, há uma reificação, uma animalização desses sujeitos personagens femininos. Conforme os enunciados que emergem sobre esse assunto, há uma denúncia práticas

³ Arreio (ar.rei.o) *sm.* 1. Conjunto de peças que equipam a cavalgadura para a montaria. [Mais us. no pl.] Disponível em: <https://www.aulete.com.br/arreio>



sobre esses corpos, como no episódio de assédio que acontecia dentro do bonde, em frente à Câmara, por um senador, falam sobre uma realidade da branquitude. E já ao final da narrativa, percebemos um enunciado que diz daquilo que se esperava desses sujeitos “naturalmente fêmeas” e que seriam marcados pela negritude:

“- Está vendo que pouca-vergonha? Um senador bolinar”. (REIC, p. 92, grifos nossos).

Este trecho é relevante para refletirmos sobre as questões de identidade do sujeito negro: era-lhe esperada a falta dos pais e dos bons costumes. Além disso, verifica-se a inversão das noções de coisa extraordinária uma vez que a personagem Isaías, ascendido socialmente, tem acesso a tudo que é banal e corriqueiro a este outro grupo social historicamente privilegiado:

“Percebi que o espantava muito o dizer-lhe que tivera mãe, que nascera num ambiente familiar e que me educara. Isso, para ele, era extraordinário. O que me parecia extraordinário nas minhas aventuras, ele achava natural; mas ter eu mãe que me ensinasse a comer com o garfo, isso era excepcional. Só atinei com esse íntimo pensamento mais tarde. Para ele, como para toda a gente mais ou menos letrada do Brasil, os homens e as mulheres do meu nascimento são todos iguais, mais iguais ainda que os cães de suas chácaras. Os homens são uns malandros, planistas, parlapatões quando aprendem alguma coisa, fósforos dos politições; **as mulheres (a noção aí é mais simples) são naturalmente fêmeas.**”. (REIC, p. 287, grifos nossos)

Esses recortes e os próximos que decorrem no texto atestam a forma de participação resistente presente no exercício da ficção de Lima Barreto, que dialoga intensivamente com seu contexto, conforme destacado por Pacheco (2017, p. 28). Esses enunciados apontam para as formas de ver e falar dessa formação histórica no Brasil e, em conjunto, formam os discursos de inferioridade dos sujeitos negros produzidos nesse livro. Nesse sentido, apresentamos o momento em que o personagem principal, Quaresma, é debochado e motivo de piadas devido ao seu requerimento do tupi-guarani como língua oficial do Brasil. Ao relatar que os comentários não cessavam e que ele não possuía relações naquele meio, a personagem, na posição de sujeito que ocupa no discurso, denuncia determinadas práticas do jornalismo e imprensa em relação ao favorecimento pessoal:

Lima Barreto não se deixou fossilizar, sua obra ficcional revela seu olhar de etnólogo para a cidade, para as personagens que habitam os bairros dessas cidades, suas inúmeras personagens exiladas, seu exílio de homem negro em uma sociedade racista como a brasileira não o imobilizaram, em seu caso o exílio foi motor produtivo, engendrou um incessante escrever/caminhar, esta última prática tão corrente de Lima Barreto, que descreve em seu diário suas longas caminhadas pela cidade do Rio de Janeiro, sempre observando os tipos urbanos e suburbanos, que igualmente invadem a sua ficção (PACHECO, 2017, p. 31).

“[...] os comentários não cessavam e ausência de relações de Quaresma no meio de que saíam, fazia com que fossem de uma constância pouco habitual”. (TFPQ, p. 66).



No desenrolar da trama, especialmente após o episódio vexatório gerado pela demanda de Policarpo junto à imprensa, ele decide deixar a cidade e se mudar para o Sossego, uma área rural que se torna o novo cenário do romance. Ele vai contente para a "terra que plantando tudo nasce". Nos diálogos com seu empregado, Anastácio - que foi escravizado -, eles discutem sobre os processos de importação de mão de obra europeia, que desvalorizam o trabalhador nacional, neste caso para o trabalho agrícola:

“- Terra não é nossa... E *frumiga*?... Nós não tem ferramenta... isso é bom para italiano ou *alamão*, que governo dá tudo... Governo não gosta de nós...” (TFPQ, p. 133, grifos nossos).

Esse enunciado é proferido em um momento em que a importação de negros estava proibida pela Lei Eusébio de Queirós (1850) e ressoa com acontecimentos históricos relevantes. Havia múltiplas motivações para importar pessoas brancas da Europa, vinculadas às políticas eugenistas de branqueamento do Brasil (racismo científico), cujo conceito de raça era pensado no âmbito biológico (Almeida, 2019), ou associado às teorias de "involução" de certas raças (Schwarcz, 2017b, p. 216). Nesse sentido, o personagem Policarpo começa a tomar consciência desse processo e se posiciona diante do desleixo e do descaso (salve-se quem puder) para com o povo brasileiro, composto predominantemente por recém-libertos, enquanto aqueles que vinham de fora eram beneficiados.

“[...] notava que o *self-help* do Governo era só para os nacionais; para os outros todos os auxílios e facilidades, não contando com a sua anterior educação e apoio dos patrícios”. (TFPQ, p. 133, grifos nossos).

Sobre o tópico do branqueamento, é relevante observar a escassez de retratos do escritor Lima Barreto. Das poucas fotografias disponíveis, apesar de serem imagens em preto e branco, ele aparece bastante diferente do que era descrito (com cor de pele azeitonada). Na historiografia literária brasileira, especialmente em compêndios ou manuais como os de Sílvio Romero, há explicações para o que talvez tenha prevalecido no cenário intelectual e literário brasileiro no final do século XIX. É importante não reduzir a abordagem sobre o "branqueamento do Brasil" à análise de fotografias da época, especialmente considerando que as fotografias desse período eram padronizadas em termos de figurino, cenários, poses etc., refletindo os padrões sociais da época.

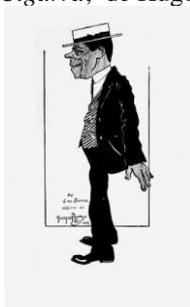
É possível contrastar essa abordagem com a caricatura "A Cigarra", de Pires (1919), que representa o autor como um "malandro carioca", conforme ilustrado na Figura 2 a seguir.

Figura 1- Retratos de Lima Barreto



Fonte: Blog da Companhia - "O retrato de Lima na capa: entre o silêncio e o ruído", 2017.

Figura 2 - A Cigarra, de Hugo Pires (1919)



Fonte: Blog da Companhia - "O retrato de Lima na capa: entre o silêncio e o ruído", 2017.

No trecho a seguir, o personagem Isaías Caminha tem uma das primeiras experiências da discriminação de cor: no cenário do restaurante ele e um “alourado” recebem diferentes tratamentos e ele não compreende os porquês. Nesse sentido, essas obras adiantam discussões que têm tomado grande reverberação também nos dias atuais pois apresentam um olhar sobre o racismo como maneira de organização social (racismo estrutural) quando mostra as posições de cuidado de si (resistências) que os personagens possuíam mesmo frente aos dispositivos de poder que os objetivavam no trabalho braçal:

[...] dirigi-me ao pequeno balcão onde havia café e bolos. Encontravam-se lá muitos passageiros. Servi-me e de uma pequena nota a pagar. Como se demorassem em trazer-me o troco reclamei: "Oh!", fez o caixeiro indignado e em tom desabrido. "Que pressa tem você?! Aqui não se rouba, fique sabendo?" Ao mesmo tempo ao meu lado, um rapazola alourado reclamava o dele, que lhe foi prazenteiramente entregue. O contraste feriu-me, e com os olhares que os presentes me lançaram, mais cresceu a minha indignação. Curti durante segundos uma raiva muda, e por pouco ela não rebentou em pranto. Trôpego e tonto, embarquei e tentei decifrar a razão da diferença dos dois tratamentos. Não atinei; em vão passei em revista a minha roupa e a minha pessoa. Os meus dezenove anos eram sadios e poupados, e o meu corpo regularmente talhado. Tinha os ombros largos e os membros ágeis e elásticos. As minhas mãos fidalgas, com dedos afilados e esguios, eram herança de minha mãe, que as tinha tão valentemente bonitas que se mantiveram assim, apesar do trabalho manual a que a sua condição a obrigava. Mesmo de rosto, se bem que os meus traços não fossem extraordinariamente regulares, eu não era hediondo nem repugnante. Tinha-o perfeitamente oval, e a tez de cor pronunciadamente azeitonada (REIC, p. 80, grifos nossos).



Os enunciados deste trecho lançam luz sobre as relações de poder que incidem sobre os corpos negros, expondo essa forma de conduta e diagnosticando essa formação histórica. Como desdobramento, eles produzem resistência ao questionar as relações de poder que segregam negros e brancos no campo social. Os sujeitos discursivos se posicionam ao enunciar também em relação ao mito da democracia racial e à meritocracia, conforme discutido mais recentemente, demonstrando ainda naquela época as dificuldades encontradas pelos negros na esfera do trabalho:

“O gordo proprietário esteve um instante a considerar, agitou os pequenos olhos perdidos no grande rosto, examinou-me convenientemente e disse por fim, voltando, deu-me as costas com mau humor: Não me serve. / Por quê? - atrevi-me eu. / Porque não me serve. E veio vagorosamente até uma das portas da rua, enquanto eu saía literalmente esmagado. Aquela recusa do padeiro em me admitir, eu descobria uma espécie de sítio posto à minha vida. Sendo obrigado a trabalhar, o trabalho era-me recusado em nome de sentimentos injustificáveis. Facilmente generalizei e convenci-me de que esse seria o proceder geral”. (REIC, p. 144, grifos nossos).

“Revoltava-me que me obrigassem a despender tanta força de vontade, tanta energia com coisas em que os outros pouco gastavam. Era uma desigualdade absurda, estúpida, contra a qual se iam quebrar o meu pensamento angustiado e os meus sentimentos liberais que não podiam acusar particularmente o padeiro.” (REIC, p. 144, grifos nossos).

“Aquela sociedade com pessoas que me tinham suspeitado ladrão, pesava-me, abatia-me. A esperança num emprego humilde esvaíra-se. A recusa sistemática do padeiro fizera-me supor que era assim em todas as profissões. Assim seriam os hoteleiros, os donos de cafés, de confeitarias, de cocheiras. Não sabia por onde sair; era de um verdadeiro sítio⁴ à minha vida que eu tinha sensação. Durante o dia inteiro não me deixaram esses pensamentos.” (REIC, p. 146, grifos nossos).

Os enunciados dos romances problematizam o contexto da política local, remetendo a discursos de uma preocupação com prestígio pessoal e não com a comunidade, pois as figuras de personagens “estereotipadas são características peculiares ao cômico, mas carregadas de crítica aos problemas crônicos que atravessam a história do Brasil desde a colônia: coronelismo, nepotismo, corrupção” (LIMA, 2015, p. 7). No seguinte trecho, no *Sossêgo*, o personagem Policarpo recebe visitas do serventuário Antonino que tinha vistas a receber dinheiro e votos e, ao não receber o que queria, revolta-se e cria planos de vingança (cortar as asas):

[...] era preciso cortar as asas daquele estrangeiro, que vinha não se sabe donde” (TFPQ, p. 104, grifos nossos).

Schwarcz (2017b) aponta a dualidade (ou idiossincrasia) de Lima Barreto em relação às críticas que o autor fazia aos “doutores”, uma vez que esse também sempre fora seu objetivo, mesmo com todas as rejeições e percalços. Nos próximos trechos, pode-se perceber o desprezo na personalidade dos personagens doutores pela maioria da categoria social que não pisara nos bancos da academia, bem como a “mitificação”

⁴ 2. [Figurado] Insistência ou perseguição. "sítio", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/s%C3%ADtio> [consultado em 03-01-2023].



do título de doutor, ironizando a veneração dos brasileiros, nos diálogos do personagem Cavalcanti, que era estudante de Odontologia:

O marido tinha resistido muito em acompanhá-la até ali. Não lhe parecia bem aquela intimidade com um sujeito sem título, sem posição brilhante e sem fortuna. Ele não compreendia como o seu sogro, apesar de tudo um homem rico, de outra esfera, tinha podido manter e estreitar relações com um pequeno empregado de uma repartição secundária, e até fazê-lo seu compadre! Que o contrário se desse, era justo; mas como estava a coisa parecia que abalava toda a hierarquia da sociedade nacional (TFPQ, p. 55, grifos nossos).

Nos intervalos da conversa, todos eles olhavam o novel dentista como se fosse um ente sobrenatural. Para aquela gente toda, Cavalcanti não era mais um simples homem, era homem e mais alguma coisa sagrada e de essência superior. [...] para alguns continuava a ser vulgar, comum, na aparência, mas a sua substância tinha mudado, era outra diferente da deles e fora ungido de não sei que coisa vagamente fora da natureza terrestre, quase divina (TFPQ, p. 54 e 55, grifos nossos).

Nos próximos enunciados, percebe-se um modo ligeiramente diferente de narrar, já que por ser memorialista, o narrador, em primeira pessoa, assume posições de sujeito que não apenas descreve práticas sociais, mas avalia e/ou tece críticas em relação a *status* e outros modos de separação social de pessoas, seja pela cor, diploma ou função social:

Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor... Nas dobras do pergaminho da carta, traria presa a consideração de toda a gente. Seguro do respeito à minha majestade de homem, andaria com ela mais firme pela vida em fora. Não titubearia, não hesitaria, livremente poderia falar⁵, dizer bem alto os pensamentos que se estorciam no meu cérebro (REIC, p. 75, grifos nossos).

Os próximos enunciados dizem da atuação médica que sequer chamava os pacientes pelos nomes, mas por “doente n°”. Portanto, quais são os efeitos discursivos do personagem em nomear os pacientes como meros número? Além disso, as narrativas retratam o prestígio do servidor público naquele período em que o Estado Republicano tinha menos de uma década:

O próprio doutor Armando Borges, o marido de Olga [...] Médico e rico, pela fortuna da mulher, ele não andava satisfeito. A ambição de dinheiro e o desejo de nomeada esporeavam-no. Já era médico do Hospital Sírio, onde ia três vezes por semana e, em meia hora, via trinta e mais doentes. Chegava, o enfermeiro dava-lhe informações, o doutor ia, de cama em cama, perguntando: "Como vai?" "Vou melhor, seu doutor", respondia o sírio com voz gutural. Na seguinte, indagava: "Já está melhor?" E assim passava a visita; chegando ao gabinete, receitava: "Doente n° 1, repita a receita; doente 5... quem é?"... "É aquele barbado"... "Ahn!" E receitava.

Mas médico de um hospital particular não dá fama a ninguém: o indispensável é ser do governo, senão ele não passava de um simples prático. Queria ter um cargo oficial, médico, diretor ou mesmo lente da faculdade (TFPQ, p. 159, grifos nossos).

O narrador aborda como aquele ensino acadêmico não oferecia soluções para uma nação essencialmente agrícola (problemas nas plantações) e que “o conhecimento empírico do homem da região



(Anastácio) funcionava muito melhor do que as teorias dos livros de Quaresma e as utilidades de seus equipamentos” (PERIN, 2019, p. 56):

E não havia quem soubesse curar. Numa terra, cujo governo tinha tantas escolas que produziam tantos sábios, não havia um só homem que pudesse reduzir, com as suas drogas ou receitas, aquele considerável prejuízo. (TFPQ, p. 148).

Jamais com intenção de escrever anacronismos, podemos dizer que o enunciado que aparece na cena do personagem Doutor Armando, que troca as lombadas dos “livros fáceis” pelos clássicos da literatura francesa, assemelha-se aos enunciados que surgem no período do isolamento social, durante a pandemia do COVID-19. Nesse período, percebeu-se que em algumas *lives* os panos de *chroma key* caíam ou os fundos falsos de biblioteca falhavam, utilizados para demarcar o espaço da casa ou ambiente como lugar de leitura e o status de leitor; há uma crítica a uma ideia de como se portar como leitor, já que bastaria ter uma estante ou segurar um livro para construir o status.

“A sala da frente do alto porão tinha sido transformada em biblioteca. As paredes estavam forradas de estantes que gemiam ao peso dos grandes tratados. À noite, ele abria as janelas das venezianas, acendia todos os bicos de gás e se punha à mesa, todo de branco com um livro aberto sob os olhos. O sono não tardava a vir ao fim da quinta página.... Isso era o diabo! [...] O seu pedantismo, a sua falsa ciência e a pobreza de sua instrução geral faziam-no ver, naquilo tudo, brinquedos, passatempos, falatórios, tanto mais que ele dormia à leitura de tais livros. Precisava, porém, iludir-se, a si mesmo e à mulher. De resto, da rua, viam-no e se dessem com ele a dormir sobre os livros?... Tratou de encomendar algumas novelas de Paul de Kock em lombadas com títulos trocados e afastou o sono.” (p. 160, grifos nossos)

À uma possível guisa de conclusão, os enunciados presentes nas obras de Lima Barreto marcam-se nos espaços enunciativos pela forte presença da hegemonia racial e as expectativas de um jovem negro diante do discurso da meritocracia proposto pelo liberalismo do início da República Brasileira entre o final do século XIX e início do século XX (CHAVES, 2019, p. 99). Essas são identidades de sujeito de outridade (HOOKS, 2020), ou alteridade. As vivências por meio de personagens ambientados no Rio de Janeiro, capital federal na época, são criadas por um autor muito estudado nas universidades brasileiras e fora delas, aumentando seu destaque, como sendo o homenageado na Festa Literária Internacional de Paraty em 2017, e tendo colunas e blogs sobre sua obra e pessoa. O "escritor mulato viu a crítica literária e os jornalistas (principais alvos de sua narrativa ácida) receberem sua obra com uma indiferença dissimulada. Hoje, no entanto, [...] é reconhecido como uma das grandes obras da literatura brasileira" (AMARAL, 2016, p. 1220).

Desse modo, entendemos que as construções linguísticas e discursivas desses enunciados de status literário ou (auto)biográficos dizem de uma posição de alter ego do autor e "sua posição ideológica contra uma consciência amena da história [...]. A identificação cultural desse escritor nos surpreende por narrar uma nação das margens, dos excluídos. Daí a importância desse fora-do-lugar de Lima Barreto" (GOMES,



2008, p. 47). Todas as escritas são potências e resistências aos jogos de poder que objetivavam um defeito de cor.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos a atualidade da obra barretiana e como a partir dela é possível traçar diálogos tanto com a contemporaneidade, como a inferiorização e o subjugamento das epistemes negras, ou o silenciamento que determinadas vozes historicamente possuem. Esses "romances com chave" (roman à clef) ecoam e dizem de uma potência das resistências e demarcam a importância de entender as discursividades que esses saberes da literatura produzem e movimentam (FOUCAULT, 2001). Sob esse viés, Lima Barreto, por meio de suas táticas linguísticas e literárias, constrói sentidos discursivos que denunciam, criticam e avaliam as técnicas de manutenção do poder sobre os corpos dóceis. São obras literárias de tom irônico, cômico e atual; e os discursos e as práticas de dois ou três séculos atrás se reconfiguram, em práticas discursivas outras, na contemporaneidade.

Na atualidade, Conceição Evaristo tem questionado, e muito, a miríade de regras que a levaram, por exemplo, a ser reconhecida tardiamente, em contraponto a outras escritoras brancas, cujo reconhecimento se efetua de forma diferente. Ao ser indagada sobre essa questão, Evaristo se posiciona sobre esse caso de "exceção" de forma contundente, ao dizer que "as histórias de exceção nos ajudam a pensar a regra". Essa reflexão serve tanto para pensarmos o lugar destinado aos escritos de autores e autoras negras na atualidade quanto em séculos anteriores. Guardadas as devidas diferenças, afinal as práticas discursivas são outras, o que fica é que o racismo ainda mantém, em pleno século XXI, ecos de outros discursos da historiografia literária e cultural brasileira.

Se as práticas de exceção ajudam a entender a regra (EVARISTO, 2018), e as resistências são o ponto de partida para o estudo das relações de poder (FOUCAULT), podemos fazer uso desse paralelo para realçar as problematizações realizadas por Lima Barreto, como estratégia de análise das práticas de resistência inscritas nos romances estudados, pois, de forma inventiva, o romancista problematiza os exercícios do poder e as práticas discursivas do início do século XX, jogando luz sobre as regras de formação dos discursos que recaem sobre os corpos negros. Conhecer as regras e o funcionamento das relações de poder é o primeiro passo para dobrá-las e construir outros espaços de atuação.

Desse modo, as alteridades e as escrevivências (EVARISTO, 2008), a partir de um olhar atento, permitem processos de (re)leitura do passado bem como servem às exceções para compreender as regras de funcionamento deste jogo do presente - que são neoliberais, machistas e racistas, essencialmente. Por fim, valorizamos esses escritos, pois geram identificação e empoderamento de modo crítico.



REFERÊNCIAS

AMARAL, P. *Três momentos do roman à clef na literatura brasileira: uma leitura a partir do cronotopo bakhtiniano*. Estudos Linguísticos: São Paulo, 2016.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. A Loucura da História: ciência, ética e política no pensamento de Michel Foucault. In: Haroldo de Resende. (Org.). *Michel Foucault: transversais entre educação, filosofia e história*. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.p. 65-76.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?*. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ARAÚJO, Inês Lacerda. Formação discursiva como conceito chave para a arqueogenealogia de Foucault. *Revista Aulas*. Dossiê Foucault (Orgs. Margareth Rago e Adilton Luís Martins). n. 3, dezembro 2006 / março 2007. ISSN 1981-1225.

BALOCCO, Anna Elizabeth. Quando a ficção invade a prosa: práticas discursivas não canônicas do discurso acadêmico. *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 5, n. 2, p. 249-266, jan./jun. 2005, p. 254).

BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2010.

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 5. ed. São Paulo: Moderna, 2015.

BASTOS, Everton Luis. *Lima Barreto: ficção e biografia no contexto da Belle Époque*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

CARVALHO CASTILHO, Élide Cristina de; NASCIMENTO, Celina Aparecida Garcia do. UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE SUJEITOS E SUBJETIVIDADES NEGRAS NA LITERATURA BRASILEIRA. *Revista Metalinguagens*, v. 7, n. 2, nov. de 2020, p. 219-242.

Casa do Saber. *LIMA BARRETO, O BRASILEIRO DO SÉCULO: LILIA MORITZ SCHWARCZ*. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XeIBp7D9DBE>. Acesso em: 28 de jan. 2023.

CHAVES, Ramon Silva. *AS CENAS DA ENUNCIÇÃO COMO ESPAÇO DE EMERSÃO DA IDENTIDADE DO NEGRO*. v. 8, n. 3. Dossiê Análise do Discurso de linha francesa: perspectivas enunciativo-discursivas, 2019.

DE SOUZA, Maria Aparecida Santos. *Contos e Crônicas de Lima Barreto: Uma Potência Poética no contexto da 10.639/03*. v. 4 n. 1: SEMINÁRIO INTERLINHAS. 2016.

EVARISTO, C. *Escrevivências da Afro-brasilidade: História e Memória*. In: Releitura, Belo Horizonte, Fundação Municipal de Cultura, nº 23, novembro 2008.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel . *A ordem do discurso*. 9 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. Que é um autor?. In: *Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema* (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.



GOMES, C. M. S. A identidade cultural enganjada de Lima Barreto. *Revista Fórum Identidades*, Itabaiana, ano 2, n. 3, p. 47-55, 2008.

LIMA, Elizabeth Gonzaga de. *LITERATURA BRASILEIRA NO HORÁRIO NOBRE: O UNIVERSO FICCIONAL DE LIMA BARRETO NA TELENOVELA FERA FERIDA*. XIV ABRALIC. 2015.

PINTO, Renato dos Santos. *A ATUALIDADE DA CRÍTICA DE LIMA BARRETO AOS PODERES CONSTITUIDOS NA REPÚBLICA VELHA*. In: XV Congresso Internacional Abralic, Rio de Janeiro, 2017.

RODRIGUES, Anthony; KERCHE, Francisco W. Lima Barreto, Um Intelectual de Fronteira: Entrevista com Lilia M. Schwarcz. *Revista Habitus*, Ifcs,Ufrj, v. 15, n.2, 2017. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01916825/file/Lima%20Barreto%2C%20um%20intelectual%20de%20fronteira%20-%202018.pdf>. Acesso em: 28 de jan. de 2023.

PACHECO, Keli Cristina. Lima Barreto: breve discussão sobre a (não) fronteira entre vida e obra. *Rev. Synth.: Let.*, Ed. Humanid., Lages, v. 2, n. 2, p.25-32, dez. 2017

PERIN, Gabriel Brum. CRÍTICA AO NACIONALISMO, À MODERNIDADE E AO POSITIVISMO EM TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA. *Cadernos de Clio*, Curitiba, v. 10, nº. 2, 2019.

SOUZA, Florentina. *Personalidades Negras: o escritor Lima Barreto*. LITERAFRO. 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto - triste visionário*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017b.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Lima Barreto e a escrita de si. In: *Tinta negra, papel branco: escritas afrodescendentes e emancipação*. *Estud. av.* v. 33, n.96, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.